

'Millennium 1'. David Fincher é o realizador de 'Millennium 1 – Os Homens Que Odeiam as Mulheres', o primeiro filme extraído da trilogia 'Millennium', do falecido escritor sueco Stieg Larsson, que se estreia amanhã em Portugal, interpretado por Daniel Craig, Rooney Mara, Christopher Plummer e Stellan Skarsgard. Os três livros já foram adaptados ao cinema na Suécia, em 2009, e estão disponíveis em DVD em Portugal. Falando ao DN, Fincher conta como rodou o filme com um novo tipo de câmara digital, diz que o que o atraiu no projeto foi a "dinâmica" entre as duas personagens principais, completamente diferentes uma da outra, o jornalista Mikael Blomkvist (Craig) e a 'gótica' Lisbeth Salander (Mara), e que não sabe se irá assinar os outros dois filmes

EURICO DE BARROS

Estamos no tempo dos nórdicos. Um dos sucessos recentes da televisão britânica é a série policial *Wallander*, com Kenneth Branagh no papel do detetive criado pelo escritor sueco Henning Mankell. Na senda da consagração internacional da trilogia *Millennium*, do falecido Stieg Larsson, a literatura policial escandinava tornou-se uma coqueluche. E o cinema americano tem recorrido a *remakes* de filmes escandinavos. *Insônia*, de Christopher Nolan (2002), a partir do original *Insomnia* (1997), do norueguês Erik Skoldbjærg, ou *Deixa-me Entrar* (2010), de Matt Reeves, com base na fita homónima do sueco Tomas Alfredson (2008), são apenas dois dos mais conhecidos e conseguidos.

Hollywood não podia ficar indiferente ao fenómeno *Millennium*, e apesar dos três livros de Larsson terem já sido filmados na Suécia, realizados por Niels Arden Oplev (o primeiro) e Daniel Alfredson (o segundo e o terceiro) em 2009, com Michael Nyqvist no jornalista radical Mikael Blomkvist e Noomi Rapace na anti-heroína "gótica" e ás da informática Lisbeth Salander (a trilogia já passou em Portugal e saiu em DVD), o produtor Scott Rudin arrematou a versão americana de *Millennium 1 – Os Homens Que Odeiam as Mulheres*, associando-se à

Columbia Pictures e à MGM, encarregando Steven Zaillian do argumento e chamando David Fincher para realizar.

O filme é uma coprodução EUA/Suécia/Grã-Bretanha/Alemanha e foi quase todo rodado na Suécia, durante um dos invernos mais frios dos últimos 20 anos. No elenco estão desde a americana Rooney Mara, numa fabulosa Lisbeth Salander, até ao inglês Daniel Craig no papel de Blomkvist, passando pelo sueco Stellan Skarsgard. Chegou a haver uma campanha para que Noomi Rapace voltasse a interpretar Salander, mas a própria atriz declarou que não queria regressar à personagem e repetir tudo. Mara, que vimos como namorada de Mark Zuckerberg no início de *A Rede Social*, bateu atrizes como Natalie Portman, Scarlett Johansson ou Carey Mulligan na corrida ao papel, e metamorfoseou-se fisicamente, aprendeu a andar de moto e a nunca olhar os outros atores nos olhos. Craig havia recusado o papel originalmente por causa do novo 007, *Skyfall*, mas regressou a ele após a suspensão da produção deste.

Blomkvist e Salander investigam os esqueletos no armário da poderosa família Vanger a pedido do patriarca desta, e o desaparecimento da sua neta, 40 anos antes, enquanto a invernada faz estalar os termómetros, a morte ronda e Fincher leva *Millennium 1* ao nível de *Sete Pecados Mortais* e *Zodiac*.

Crime e castigo no inverno su



DANIEL CRAIG

"Fizemos um filme para adultos"

Um sueco interpretado por um inglês que fala com sotaque neutro. Esse foi o desafio proposto a Daniel Craig para dar vida ao jornalista de investigação Mikael Blomkvist. Numa pausa da rodagem do novo 007, *Skyfall*, o ator confessou em exclusivo ao DN que cumpriu o sonho de ser dirigido por David Fincher, um dos seus cineastas preferidos: "Ele tem sempre respostas para tudo e mais alguma coisa. É um processo que dá muito prazer a um ator. Estou realmente orgulhoso." Quanto à muito comentada carga de violência do filme, a sua opinião é curiosa: "Este filme não é chocante, é apenas uma obra para um público adulto. Julgo que hoje em dia é muito raro Hollywood deixar que se façam filmes para esse tipo de público. Não fizemos este filme para as massas e isso é um grande risco para o estúdio. Este filme, repito, é apenas para adultos."



Castigo queco



FOTOS DIREITOS RESERVADOS

ENTREVISTA: DAVID FINCHER

Realizador



Autor de 'Sete Pecados Mortais' e 'Zodíaco' assina esta adaptação do 'best-seller' de Stieg Larsson. Mas admite que possam ser outros realizadores a completar esta eventual nova trilogia

“Melhor não posso fazer!”

O que o atraiu nesta adaptação do best-seller de Stieg Larsson?

A dinâmica entre um homem e uma mulher que nada têm a ver um com o outro. Ao mesmo tempo, resolvem problemas. Penso que fiz um filme que não é propriamente um abraço ao espectador...

Afirmou já que o seu pacto com o espectador é dar o seu melhor. Essa é uma forma de lidar com as expectativas que cada um dos seus filmes traz?

Disse isso porque estou muito cansado do falatório dos prémios e das expectativas de quanto dinheiro os filmes vão fazer. A minha atitude é fazer o melhor que sei e não pensar em mais nada. É claro que nunca vou fazer o filme que projetei na minha cabeça. Temos sempre de fazer compromissos... Portanto, por muito que mostre as garras e lute pelas minhas ideias, resta-me tentar fazer aquilo que julgo fazer melhor. Por exemplo, no outro dia dei por mim a fazer zapping e apanhei o *Sala de Pânico* na televisão. Nem queria acreditar porque tinha dirigido aquela cena daquela maneira. Os filmes estão sempre a mudar... *Se7en* – *Sete Pecados Mortais*, que já não vejo há 15 anos, é um filme com o qual tenho agora uma relação diferente. Quando vejo uma foto do filme, a única coisa que me vem à cabeça é como o Brad Pitt estava tão jovem. De alguma forma, cada obra ganha uma vida própria. Dizer que os meus filmes têm uma marca própria é estranho! Estão sempre a mudar.

Por outro lado, as questões dos prémios e das receitas fazem parte do sistema...

Pois, o que se passa é que nem é bem lutar ou não lutar contra isso. Apenas não me envolvo com esses aspetos. Sinceramente, não quero que um *publicist* escreva que sou o criador da Propaganda e que já trabalhei com a Madonna. Para mim,

PERFIL

- ▶ Realizador norte-americano, estreou-se nas longas-metragens em 1992 com *Alien 3 – A Desforra*
- ▶ Tem 49 anos
- ▶ Já realizou telediscos para Madonna ou Rolling Stones
- ▶ **David Fincher começou a sua carreira na realização de telediscos e anúncios publicitários. Realizou também 7 Pecados Mortais, Clube de Combate, Zodiac ou, mais recentemente, A Rede Social.**

isso são tudo tretas! Apesar de ser verdade, não tem nada a ver com a minha mensagem. Espero que as pessoas gostem do que faço... Se não gostarem, paciência. Para este filme, trabalhei muito para que ficasse o melhor possível! Melhor não posso fazer...

Rodou este filme com uma nova câmara digital, a Epic, da Red. Pode falar-se em revolução? O que muda na prática?

Acima de tudo, trata-se de uma câmara mais pequena. Tem uma definição muito superior e o tempo de compressão é muito bom. Permite sobretudo que filmemos com pouca luz. É uma câmara que muda as regras do cinema.

Tem já uma eventual visão do que podem ser os próximos Millennium?

Nenhuma ideia! Depois deste, estou demasiado cansado, nem sei se tenho os níveis de concentração agora para pensar nesses projetos. Gostava que os espectadores quisessem os dois próximos filmes!

Poderão ser então realizados por outros cineastas?
Talvez...

RUI PEDRO TENDINHA

OPINIÃO

Aventura do concreto e do abstrato



JOÃO LOPES
Crítico

A final de contas, que acontece nos filmes de David Fincher? Digamos que a fama conquistada com o magnífico *Seven* (1995) terá deixado uma herança equívoca: Fincher seria um manipulador da nossa proverbial inocência, prolongando até ao limite do sustentável o modelo do “mistério-até-ao-fim”. Face ao vertiginoso *Millennium 1 – Os Homens Que Odeiam as Mulheres*, importa tentar ultrapassar tal caracterização do seu trabalho. Desde logo, pela razão muito básica que está expressa no título do *best-seller* de Stieg Larsson: este é um objeto de um neofeminismo, obstinado e radical, em que já não se trata tanto de celebrar uma determinada identidade feminina, como de expor a devastadora crueldade de um mundo organizado a partir de uma violência primordialmente masculina (e há todo um subtexto, também ele radical e perturbante, que remete essa violência para o imaginário nazi). Além do mais, deparamos com a obsessiva deambulação labiríntica que constituiu a mais forte assinatura de Fincher. Tal como na rede de bizarras implicações de *Clube de Combate* (1999) ou na rede, ela própria, de *A Rede Social* (2010), o cineasta coloca em cena um desejo de verdade que contém componentes do policial mas que, a pouco e pouco, se vai transfigurando numa demanda de identidade(s) em que todas as certezas, desde a transparência da história às relações sexuais, são pacientemente questionadas. Daí a estranha beleza de *Millennium 1*: por um lado, há nele uma urgência face ao concreto do nosso mundo que lhe confere a dimensão de parábola sobre a persistência do Mal e o fim de todos os romantismos; por outro lado, vivemos uma aventura tocada pela abstração formal. É tempo de acreditarmos que Howard Hawks tem, finalmente, um herdeiro moderno.